

QUANTAS SOMOS? ONDE ESTAMOS? – UM OLHAR LANÇADO  
SOBRE A EVOLUÇÃO DA FORMAÇÃO DE FILÓSOFAS  
GRADUADAS, ENTRE 2000 E 2016, NO BRASIL

HOW MANY ARE WE? WHERE ARE WE? - A LOOK AT  
PERFORMANCE OF GRADUATED WOMEN PHILOSOPHERS IN  
BRAZIL BETWEEN YEARS 2000 AND 2016

Valéria Cristina Lopes Wilke <sup>1</sup>

Recebido em: 07/2020

Aprovado em: 09/2020

**Resumo:** Empiricamente é perceptível que a Filosofia realizada no Brasil é notadamente masculina devido à presença majoritária de homens na formação e no mercado de trabalho. Há pouquíssimas pesquisas sobre esta situação e esse fato muito se deve à dificuldade de coletar e cruzar os dados. Em 2017/2018, participei da equipe profissional que elaborou o Relatório Técnico *Evidências do ENADE e de outras fontes – mudanças no perfil do filósofo graduado*, publicado pela Fundação Cesgranrio. Para a elaboração desse documento foram utilizados os dados do INEP, da CAPES, do IBGE e do perfil sócio-econômico dos concluintes do ENADE (2004 a 2014). Ele tornou visível a evolução na oferta das graduações em Filosofia, de 2000 a 2016, a partir do quantitativo de cursos oferecidos nas IES, consideradas diferentes categorias, e ainda a evolução da presença dos sexos. Informou sobre a atuação profissional dos egressos e sobre o rendimento médio por grupos de ocupação e sexo. O objetivo deste trabalho é apresentar os dados sobre a evolução da distribuição dos sexos pelos cursos de graduação entre 2000-2015 e comentá-los a partir do olhar da relação Filosofia e gênero, a fim de contribuir para o entendimento de como se encontra a presença feminina na função discente na Filosofia profissional realizada no Brasil, no que tange à formação universitária.

**Palavras-chave:** Filósofas brasileiras, Formação universitária, Atuação profissional

**Abstract:** Empirically, it is noticeable that the philosophy carried out in Brazil is notably masculine due to the majority presence of men in education and in the labor market. There is very little research on this situation and this fact is largely due to the difficulty of collecting and crossing data. In 2017/2018, I took part in a professional team that was responsible to prepare ENADE's Evidence Technical Report and other sources – changes in the profile of the graduated philosophers, published by the Cesgranrio Foundation. For the preparation of this document, data from INEP, CAPES, IBGE and the socio-economic profile of ENADE graduates (2004 to 2014) were used. It had made visible the evolution in the offer of undergraduate degrees in Philosophy, from 2000 to 2016, based on the number of courses offered in the universities, considered different categories, and also the advance of the presence of the genders at those institutions. It also reported on the professional performance of the graduates and on the average income by occupation groups and gender. So, the aim of this

---

<sup>1</sup> Professora Associada do Departamento de Filosofia da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro/UNIRIO. Mestre em Filosofia e Doutora em Ciência da Informação. Email: [valeria.wilke@unirio.br](mailto:valeria.wilke@unirio.br)

paper is to present data on the advance of the distribution of the genders in undergraduate courses between 2000 and 2015 and on the professional performance of women graduating from these courses and graduate courses; and comment on them from the perspective of the relationship between philosophy and gender, in order to contribute to the understanding of how the female presence is found in professional philosophy held in Brazil, with regard to training and professional performance.

**Keywords:** Brazilian women philosophers, University education, Professional performance

## Introdução

Empiricamente percebe-se na sala de aula da graduação e da pós-graduação e na composição dos departamentos de Filosofia nas IES que o fazer profissional da Filosofia brasileira é notadamente masculino pela presença majoritária de homens na função discente e na função docente. Muito recentemente teve início a pesquisa quali-quantitativa da presença da mulher na Filosofia brasileira. Marco dessa atividade foi o documento *Mulheres na Pós-Graduação em Filosofia no Brasil* (2016), da filósofa e professora Carolina de Araújo, que deu consistência analítica ao que é perceptível na prática. Quem enfrentou esse tipo de investigação sabe que a grande dificuldade está na coleta e no cruzamento de dados, e a consequente montagem de tabelas.

A partir do último ENADE (2017) fui convidada a participar, como profissional da área, da elaboração do *Relatório Técnico 04/2018, Evidências do ENADE e de outras fontes – mudanças no perfil do filósofo graduado*, publicado em 2018 pela Fundação Cesgranrio. Aceitei o convite, por um lado, por acreditar que esse tipo de publicação em muito contribuiria para termos a visibilidade e o acesso a dados quantitativos da nossa área; para adensar a discussão sobre a presença de indivíduos do gênero feminino na Filosofia brasileira, a partir desse tipo de informação; e para melhor embasar a compreensão do impacto e da extensão dos resultados de recentes políticas públicas educacionais referentes aos cursos de graduação, especialmente o REUNI<sup>2</sup>, e de pós-graduação. Por outro, por saber que o porte da Fundação Cesgranrio permitiria a coleta e o cruzamento de informações, bem como a elaboração de tabelas, algo que isoladamente ou sem a parceria de uma grande instituição seria praticamente irrealizável.

Ao longo de 2017/2018, a elaboração do Relatório favoreceu a discussão de incontáveis

---

<sup>2</sup> O Programa de Apoio a Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais (REUNI) foi criado pelo Decreto nº 6.096, de 24 de abril de 2007, durante o governo do presidente Luís Inácio Lula da Silva, e visou fornecer as condições para a ampliação do acesso e permanência na educação superior, no nível de graduação.

dados, gráficos e tabelas com participantes da equipe de trabalho dessa instituição; para a realização do documento da área de Filosofia solicitei que as IES particulares fossem categorizadas também em confessionais e não-confessionais, uma vez que considere essa informação relevante para a área no Brasil, historicamente marcada pela educação filosófica confessional. O relatório foi publicado em 2018 e creio que ele é o único instrumento que se tem, no presente momento, para acompanhar, entre 2000-2016, a evolução da oferta dos cursos de graduação e de pós-graduação em Filosofia, o perfil sócioeconômico dos concluintes e algumas informações sobre a inserção no mercado de trabalho dos egressos e egressas da graduação e da pós-graduação, por meio de distintas categorias. Há também um elenco de informações sobre a evolução da distribuição dos sexos pelos cursos.

O objetivo desse artigo é apresentar uma seleção de dados quantitativos relacionados à presença feminina na função discente nas graduações (Bacharelado e Licenciatura) da área da Filosofia e, na medida do possível, qualificar inicialmente essas informações sob o olhar da relação *Filosofia e gênero*. Em primeiro lugar, acredito, porém, que a análise qualitativa demandará pesquisa arrojada a partir dos dados disponibilizados pelo Relatório Técnico 04/2018, que podem contribuir para a elaboração de questões que permitam melhor examinar a presença das mulheres na Filosofia realizada no Brasil. Em segundo lugar, é conveniente ressaltar que falar de gênero não significa referir-se somente a homens e mulheres e às diferenças sexuais, uma vez que esse conceito lida também com identidades construídas por outras lógicas diferentes da heteronormativa. Entretanto, os documentos que embasaram o Relatório Técnico 04/2018 coletaram e trataram os dados a partir da categoria sexo, homem mulher. Nesse sentido, a terminologia aqui usada seguirá a desses documentos.

No contexto da história recente das pesquisas e debates filosóficos no país houve o incremento de interesses por temas vinculados à *Filosofia e gênero*. Na ANPOF houve a criação do GT Filosofia e Gênero, que cresce a olhos vistos a cada encontro; há incontáveis investigações institucionalizadas em curso sobre o pensamento e obras produzidas por filósofas ao longo da tradição filosófica, que reabilitam e trazem à tona a reflexão elaborada por mulheres que a história oficial da tradição soterrou e tornou invisível; assiste-se à emergência de redes e coletivos filosóficos femininos criados e postos em funcionamento para agirem em prol da visibilidade, do conhecimento e do reconhecimento da presença feminina nas histórias das Filosofias. Trabalhamos no contrapelo da história para tirar das ruínas as vozes silenciadas, para fazer ecoar as considerações e contribuições de mulheres filósofas, brasileiras, latinas, africanas e de outras procedências. É dentro desse espectro que insiro esse artigo, porque precisamos

saber não apenas quem somos e o que pensamos, mas quantas somos, onde somos formadas, quais aspectos e problemas comuns marcam nossa atuação enquanto trabalhadoras e discentes.

Em primeiro lugar, vou abordar sucintamente o Relatório Técnico 04/2018 a fim de explicar como ele foi elaborado no tocante à coleta de dados. A seguir passarei a apresentar e comentar os dados selecionados relativos à evolução dos cursos de Filosofia e à distribuição dos sexos por eles, entre 2000-2016.

### **Sobre o Relatório Técnico 04/2018, Evidências do ENADE e de outras fontes – mudanças no perfil do filósofo graduado – informações sobre a metodologia utilizada**

Desde a década de 1990, os governos federais estabeleceram, na educação brasileira, diferentes mecanismos e instrumentos para levantamento de dados educacionais, como os censos e as avaliações institucionais, cujos resultados têm embasado as políticas públicas na área. Como explicam Beltrão & Mandarino (2014, p. 734)

O Brasil possui uma característica peculiar que é o fato de o Governo Federal implantar levantamentos de dados educacionais a nível nacional, gerar e disponibilizar grandes bases de dados como os Censos Educacionais (desde 1980), e avaliações nacionais (desde 1990 - primeira edição do Saeb). Desde o final da década de 1990, esses tipos de levantamento vêm sendo ampliados para todos os níveis e modalidades de ensino, além de terem ocorrido levantamentos especiais como o Censo do Professor (1997 e 2003), o Censo da Educação Profissional (1999) e o Censo Escolar Indígena (1999). Existe, hoje, uma vasta gama de dados que podem ser utilizados para fins que extrapolam o desenho inicial do processo. O próprio governo tem incentivado, por meio do Observatório da Educação (BRASIL, 2006), a utilização destes dados e resultados em estudos e pesquisas, uma vez que disponibiliza para população em geral os microdados referentes a diferentes coletas de dados que vem conduzindo.

A Fundação Cesgranrio possui expertise acumulada no âmbito da pesquisa, da avaliação e da elaboração de diagnósticos da realidade educacional brasileira. Desde 2015 cria e divulga relatórios técnicos voltados para determinada área de saber como insumo que possa contribuir para as reflexões sobre políticas públicas e para as análises da evolução da oferta dos cursos de graduação e pós-graduação.

O Relatório Técnico 04/2018 da área da Filosofia foi o sétimo a ser publicado e foi conduzido pelas perguntas norteadoras:

Houve evolução na oferta de profissionais na área de Filosofia? De que forma?  
Essa trajetória foi diferente para os concluintes de Licenciatura e de

Bacharelado? A ampliação da autorização de cursos na modalidade a distância foi significativa na área? Tais cursos alteraram significativamente o quantitativo de concluintes de Filosofia? Como evoluiu o perfil dos que terminaram o curso em 2005, 2008, 2011 e 2014? Como se deu a evolução da oferta dos cursos de pós-graduação (mestrado, mestrado profissional e doutorado)? Qual a ocupação principal dos filósofos, em 2010, por sexo, faixa etária, e seus respectivos rendimentos? (BELTRÃO, WILKE, PEDROSA, 2018, p. 11)

Para o delineamento desse documento foram utilizadas as informações divulgadas pelo MEC/Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira/INEP (os dados dos Censos da Educação de 2000-2016; e os do ENADE 2005, 2008, 2011 e 2014, anos da avaliação da área); os dados publicados pela CAPES, que forneceram as informações acerca dos cursos e discentes da pós-graduação; a base de dados da pesquisa amostral do Censo 2010 do IBGE; e também os dados do perfil sócio-econômico dos concluintes do ENADE, na série histórica de 2004 a 2014.

As informações contidas nos Censos da Educação de 2000-2016 e provenientes do ENADE foram aplicadas na descrição da evolução das seguintes variáveis, nesse período demarcado:

- ✓ Número e especificidade de curso (Bacharelado e Licenciatura): por matrículas e concluintes por ano, por sexo, por modalidade de ensino (presencial e à distância); por rede de ensino (privada e pública); por categoria administrativa (privada, pública, confessional, não confessional); por organização acadêmica (universidades, centros universitários, faculdades e outros);

Os dados do questionário sócio-econômico respondido pelos concluintes que fizeram o ENADE permitiram a elaboração e a discussão do perfil dos estudantes de Filosofia e também a comparação dele com os valores médios dos concluintes de outras áreas, avaliados no mesmo ano, segundo as variáveis:

- ✓ afluência socioeconômica: formada pela escolaridade dos pais, escola onde o concluinte cursou o ensino médio e renda familiar;
- ✓ autonomia financeira: análise mediante maior carga de jornada de trabalho e independência econômica;
- ✓ a terceira variável é composta principalmente pelo número de familiares corresidentes,

apesar de ser também influenciado pela renda familiar.

A pesquisa amostral do IBGE/Censo 2010 forneceu as informações a respeito da idade, do sexo, do trabalho principal, da ocupação (função, cargo, profissão ou ofício exercido pela pessoa), e sobre a média de salário. Esses elementos cancelaram a investigação sobre a ocupação principal dos recenseados que comunicaram possuir a formação na área de Filosofia na semana de referência do censo.

O cruzamento desses dados permitiu que diferentes informações fossem construídas a partir das tabelas e dos gráficos. Elas demonstraram a evolução na oferta das graduações em Filosofia (Bacharelado e Licenciatura), de 2000 a 2016, com base no quantitativo de cursos oferecidos nas IES, nas modalidades presencial e à distância, por rede de ensino e organização acadêmica, por categoria administrativa, por número de matrículas e de egressos; também deu visibilidade à evolução da presença dos sexos nos cursos de Filosofia, no mesmo período. O relatório informou igualmente sobre a atuação profissional dos graduados e graduadas, mestres e doutores em Filosofia na ocupação principal, por faixa etária, segundo o nível de escolaridade, e também sobre o rendimento médio de graduados e pós-graduados por grupos de ocupação e sexo, conforme o Censo de 2010.

### ***Quantas filósofas somos? – a trajetória e a evolução dos cursos de Filosofia no Brasil por distribuição dos sexo***

Inicialmente serão apontados alguns breves marcos relativos à problemática presença da Filosofia na educação brasileira e na sociedade como um todo, a fim de situar e realçar a importância de políticas públicas educacionais recentes para o crescimento da oferta de cursos na área e para a ampliação do acesso da população a essa milenar forma de conhecimento.

1. A respeito da história da presença da Filosofia e de seu ensino no Brasil, pode-se afirmar que ela chegou a essas terras com as naus portuguesas que trouxeram o empreendimento mercantil da colonização. O fazer filosófico aportado na *terra brasilis* foi marcado pela *Ratio Studiorum*<sup>3</sup> e pelo fonsiquismo (Margutti, 2014), o movimento de renovação do aristotelismo na Segunda Escolástica portuguesa caracterizada pela exegese e pelo comentário escolástico e

---

<sup>3</sup> O escopo desse programa educacional visava à formação humanista e literária e previa o estudo de línguas, da literatura, da retórica, da história, da Filosofia aristotélico-tomista. O objetivo era basicamente formar homens letrados, formados na tradição livresca, literária, aristotélico-tomista e cristã. A atividade filosófica estava voltada para assimilar, comentar e reproduzir ideias, pois elas já chegavam prontas da Europa.

que, ao atravessar séculos, legou todo um modo de proceder ainda presente na atividade filosófica brasileira, a forte tendência de uma Filosofia de comentários. Durante os séculos de dominação colonial, Portugal não permitiu a criação do ensino superior na colônia. Portanto, os rapazes para obterem a formação eclesiástica necessitavam atravessar o oceano até a metrópole; o mesmo trajeto era feito pelos filhos da elite agrária, escravocrata e patriarcal, enviados para realizarem a formação superior. Os conhecimentos filosóficos, então, estavam nas mãos de um pequeno número de indivíduos com alguma formação filosófica, todos homens e instruídos segundo a reforma da universidade portuguesa do século XVI. Essa situação perdurou até a chegada da família real portuguesa, em 1808, que permitiu a criação dos primeiros cursos superiores, de cunho notadamente profissionalizante, Medicina e Direito. No período do Império, a Filosofia passou a compor a formação intelectual de bacharéis, com a criação de cadeiras de Filosofia nas Faculdades de Direito de São Paulo e Recife. No Colégio Pedro II (instituído em 1837) foi ministrada a disciplina Filosofia, a partir de 1838, para o número reduzido de estudantes que lá estudavam. Dessas hostes saíram aqueles que, por diletantismo, se entregaram, de algum modo, às atividades filosóficas, em conformidade com alguma linha europeia de pensamento e com os olhos saudosos totalmente voltados para o velho continente<sup>4</sup>.

O cadinho histórico-cultural de então evidencia a sociedade moldada pelo mandonismo escravocrata, patriarcal, centrado na família das casas grandes; por um território extenso e com baixa densidade demográfica; pela situação da população originária paulatinamente destruída e/ou destituída de suas terras, línguas e culturas; pela convivência (e conveniência), durante séculos, com a maioria da população escravizada e tratada como ferramenta muda; pela taxa altíssima de analfabetismo, inclusive entre a elite agrária (por exemplo, no segmento das mulheres); pela educação basicamente voltada para formação da elite e de seus quadros administrativo-políticos e dos quadros religiosos. Nesse contexto pontuavam pouquíssimas instituições educacionais e atividades filosóficas, o que fomentou a rala Filosofia aqui produzida, desprovida de densidade, feita a poucas mãos masculinas, e dentro de um escopo da *Ratio Studiorum* e seus manuais, compêndios e comentários. Esse ambiente histórico-cultural contribui para a compreensão dos déficits educacional, cultural e institucional da Filosofia no Brasil até a República Velha, pois no Estado Novo o quadro começou a mudar.

A passagem da circunstância deficitária da Filosofia no Brasil, que marcou o período

---

<sup>4</sup> De acordo com Ivan Domingues (2017), tem-se aí o tipo do intelectual diletante estrangeirado, sem lugar na própria terra e que não se ocupa filosoficamente com os problemas da terra.

Colonial, Imperial e da República Velha, a uma outra, mais densa e vigorosa, começou a ocorrer, no contexto do Estado Novo, com dois marcos originários da formação dos profissionais de Filosofia, a criação dos cursos de Filosofia na USP e na UFRJ (na década de 1930) e, posteriormente, na PUC-RJ e PUC-SP (na década de 1940). O tripé USP/universidades públicas federais/universidades pontifícias católicas conduziu e alicerçou o processo da institucionalização, da profissionalização e especialização da Filosofia no Brasil, que assentou as bases do sistema filosófico brasileiro moldado, paulatinamente, por cursos de graduação e por departamentos de Filosofia, e fomentou a criação da comunidade acadêmica profissional da área. O que era parco adensou-se, a partir da década de 1960 com a ampliação da circulação de *papers*, livros autorais, teses, dissertações, artigos, de crescente número de periódicos com artigos especializados, de ensaios; com o crescimento da realização de eventos científicos; com a organização da área por subáreas; com a ampliação da oferta dos cursos de graduação e pós-graduação. Conforme a tipologia criada por Ivan Domingues (2017), emergiu a figura do intelectual caracterizado pela expertise do *scholar*, hoje plenamente realizado no *modus* CAPES e LATTES, e ainda marcado pela exegese e o comentário.

Essa nova situação demonstra que não há fatalidade: o déficit era histórico, contingente e pode ser enfrentado e resolvido. Ela mostra, igualmente, que a invisibilidade da mulher, na Filosofia brasileira, não é destino e nem decorre de alguma incompatibilidade “natural” entre a mulher e o filosofar: são circunstâncias históricas que moldaram a situação milenar do apagamento da presença e das vozes femininas na tradição filosófica, inclusive a brasileira.

Para a visibilidade<sup>5</sup> da Filosofia na sociedade brasileira concorre o movimento pendular da inserção da Filosofia na educação básica, pois, em conformidade com os percalços sociais e com as consequentes mudanças na orientação das políticas educacionais, ora a Filosofia está presente obrigatoriamente nos currículos, ora está ausente ou presente de forma transversal, com carga horária maior ou menor, a depender do cenário político. Mediante a educação básica, tem sido propiciado às crianças e aos jovens o contato com as ricas tradições filosóficas, de mais de 2500 anos. Por conseguinte, ressalta-se a relevância de todo esforço e luta em prol da defesa da manutenção qualificada desse contato, pois a educação básica implica a demanda para a formação de docentes e, por conseguinte, a criação/manutenção das licenciaturas. Por outro

---

<sup>5</sup> É importante ressaltar o valor de dois fatos relacionados à ampliação da presença da Filosofia no cotidiano da sociedade brasileira: a publicação da Coleção *Os Pensadores* (a partir da década de 1970) e a recente entrada da área de Filosofia na política pública nacional do livro didático (2012): eles representam a divulgação da Filosofia por meio de livros de filósofos vendidos na banca de jornal e livros didáticos que chegam às mochilas e às casas dos e das estudantes.



lado, ela ao provocar a admiração e a curiosidade pela Filosofia entre as crianças e jovens, alimenta o interesse e a procura pela formação na área. Em grande medida, o futuro da Filosofia no Brasil está sob responsabilidades dos e das professoras de Filosofia da educação básica que são os que cuidam do contato inicial da população brasileira com o conhecimento filosófico.

O fato é que o retorno da oferta obrigatória do ensino de Filosofia na educação básica, a partir de 2006, demandou a necessidade da formação de professores para atendê-la. Esse acontecimento transcorreu no cenário de apoio governamental à educação. No âmbito do ensino superior, foi implantado o Programa REUNI que favoreceu a criação e ampliação de cursos de graduação de Filosofia, que cumprem também o fundamental papel no adensamento da Filosofia produzida no país.

Como o período coberto pelo Relatório Técnico 04/2018 situa-se entre 2000-2016, não serão abordadas as mudanças nas políticas educacionais brasileiras ocorridas posteriormente, e cujos impactos e adaptações ainda estão em andamento.

As respostas às perguntas “Quantas filósofas somos?”<sup>6</sup> e “Onde as filósofas brasileiras são formadas?” serão respondidas mediante a apresentação e discussão de informações sobre a evolução na oferta de cursos de Filosofia.

2. A evolução da oferta dos cursos de graduação revelou que, entre 2000-2016, houve o crescimento geral (somadas as ofertas das redes pública e privada) de 133% dos cursos *presenciais*, que passaram de 97 cursos, no início do período averiguado, para 227. Na rede pública o aumento foi de 144% (de 45 cursos para 110), sendo a maior alta observada entre 2008-2010, fato que aponta para a influência direta do Programa REUNI. Na rede privada a elevação do quantitativo de cursos foi de 125% (de 52 para 117). Em 2016 somavam-se 227 graduações presenciais em Filosofia (110 ofertadas pela rede pública e 117 pela rede privada), sem ainda distinguir por Bacharelado e Licenciatura.

---

<sup>6</sup> A referência é a campanha #Quantas somos? lançada na ANPOF 2016.

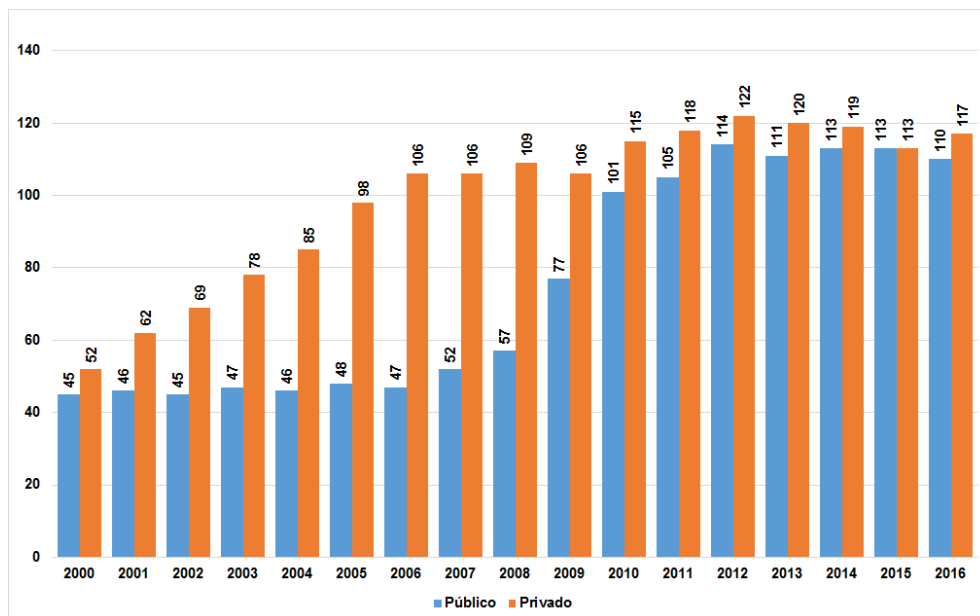


Gráfico 1 - Número de cursos de graduação presencial em Filosofia no Brasil por ano segundo a rede de ensino (Fonte: Relatório Técnico 04/2018)

Na modalidade de *ensino à distância*, as graduações em Filosofia passaram a funcionar em 2005. No período averiguado houve crescimento e em 2016 eram 24 cursos, sendo que 14 ofertados pela rede privada. Em relação ao quantitativo de estudantes matriculados em 2016, essa modalidade contribuiu com 26,3% das matrículas totais (9,8% na rede pública e 16,5% na rede privada.)

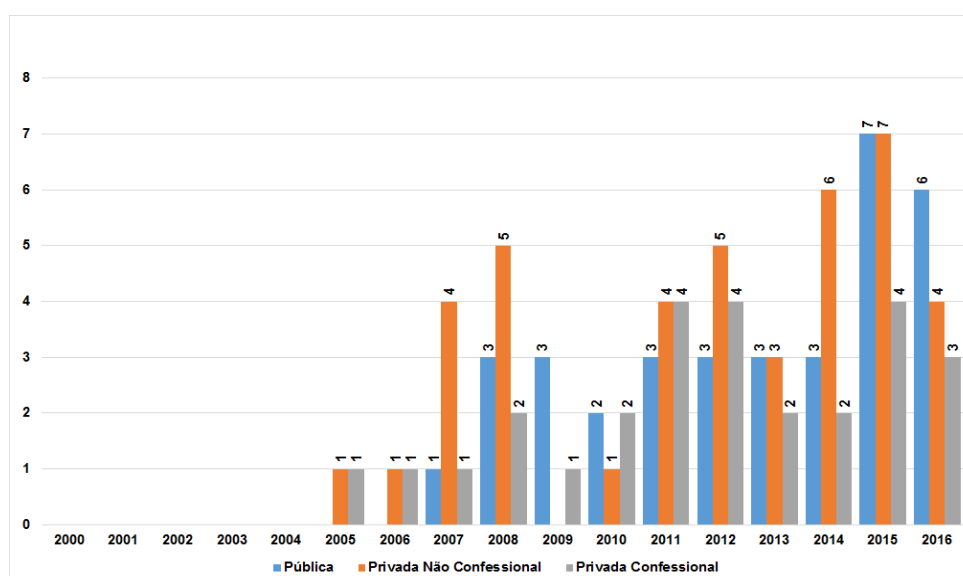


Gráfico 2 – Número de IES com cursos de graduação a distância em Filosofia no Brasil por categoria administrativa da IES (Fonte: Relatório Técnico 04/2018)

Em relação a quantidade de graduações estratificadas por tipo de curso, Bacharelado e

Licenciatura, e por modalidade de ensino, houve a seguinte evolução:

ANO	BACHARELADO	LICENCIATURA	TOTAL
2000	49	48	97
2005 (EAD)	00	02	02
2016	75	152	227
2016 (EAD)	1	23	24

TABELA 1: Quantitativo de cursos de Bacharelado e de Licenciatura por modalidade de ensino (presencial – faixa branca; EAD – faixa cinza), conforme TABELA 6 do Relatório Técnico 04/2018 (Fonte: a autora)<sup>7</sup>

Em 2016 contabilizavam-se o total de 251 graduações em Filosofia, sendo: 175 licenciaturas (152 presenciais; 23 EAD) e 76 bacharelados (75 presenciais; 1 EAD). Destacase, portanto, o grande crescimento das licenciaturas presenciais e EAD. Os cursos obtiveram o total de 26.582 matriculados em 2016 distribuídos conforme a tabela abaixo.

ANO	Nº MATRÍCULAS BACHARELADO	Nº MATRÍCULAS LICENCIATURA	TOTAL
2000	8.035	5.682	13.717
2005 (EAD)	00	149	149
2016	6.068	13.513	<b>19.581</b>
2016 (EAD)	367	6.634	<b>7.001</b>

TABELA 2: Quantitativo de matrículas por cursos de Bacharelado e de Licenciatura por modalidade de ensino (presencial – faixa branca; EAD – faixa cinza), conforme TABELA 6 do Relatório Técnico 04/2018 (Fonte: a autora)<sup>8</sup>

A partir da observação desses dados torna-se possível afirmar, em primeiro lugar, que a volta da disciplina Filosofia à educação básica, em 2006, gerou demanda por docentes devidamente habilitados para atuarem nesse nível de ensino. Esse fato, por sua vez, provocou positivamente e encorajou os departamentos e as IES a apresentarem propostas de criação de licenciaturas presenciais em Filosofia, que saltaram de 48 (2000) para 152 (2016); na modalidade EAD o aumento foi de 2 para 23 graduações. Em segundo lugar, essa crescente oferta inverteu o quadro existente até os primeiros anos do século XXI, caracterizado pela

<sup>7</sup> A Tabela 1 foi elaborada para mostrar a situação inicial (presencial - 2000; EAD - 2005) e a final (2016). Por isso esses anos foram selecionados dentre os informados pelo Relatório Técnico 04/2018

<sup>8</sup> A Tabela 2 foi elaborada para mostrar a situação inicial (presencial - 2000; EAD - 2005) e a final (2016). Por isso esses anos foram selecionados dentre os informados pelo Relatório Técnico 04/2018

procura majoritária por bacharelados, uma vez que as matrículas nas licenciaturas responderam, em 2016, por mais da metade das inscrições dos discentes. Por fim, as políticas públicas educacionais voltadas para o setor público fizeram com que, em 2016, estivesse mais equilibrada a relação entre a oferta de cursos de Filosofia pelas redes de ensino pública e privada.

3. Os dados coletados para a consecução do Relatório Técnico 04/2018 mostram que os cursos presenciais de Licenciatura e de Bacharelado em Filosofia em sua maioria são frequentados por estudantes do sexo masculino. O mesmo quadro se repete nos cursos da EAD exceto pelo curioso detalhe da EAD do setor público em que há a predominância feminina<sup>9</sup> (nas matrículas e entre os concluintes). Notou-se também a tendência do aumento das matrículas de ambos os sexos nas graduações presenciais e EAD das universidades públicas e privadas. A exceção se deve à redução de matrículas do segmento feminino nos cursos presenciais no caso da privada confessional.

ANO	PÚBLICA		PRIVADA NÃO CONFESSIONAL		PRIVADA CONFESSIONAL		TOTAL	
	FEM.	MASC.	FEM.	MASC.	FEM.	MASC.	FEM.	MASC.
2000	3.504	4.694	1.350	1.999	635	1.535	5.489	8.228
2005	-	-	74	75	-	-	74	75
2008	183	158	915	1.008	42	66	1.140	1.232
2016	5.855	9.254	703	2.030	604	2.383	<b>7.162</b>	<b>13.667</b>
2016	1.649	913	1.254	2.605	223	276	<b>3.126</b>	<b>3.794</b>

TABELA 3: Quantitativo de matrículas por modalidade de ensino (Presencial – fundo branco; EAD – fundo cinza), segundo categoria administrativa e sexo, conforme TABELA 8 do Relatório Técnico 04/2018 (Fonte: a autora)<sup>10</sup>

Se a entrada das mulheres nos cursos é quantitativamente menor do que a dos homens, o número de concluintes<sup>11</sup> acompanha esse panorama, tal como registram os dados da tabela e

<sup>9</sup> Para maiores informações sobre esse assunto sugiro que os Gráficos 14, 15, 16 e 20 do Relatório Técnico 04/18 sejam observados.

<sup>10</sup> A Tabela 3 foi elaborada para mostrar a situação inicial (presencial - 2000; EAD privada – 2005; EAD pública - 2009) e a final (2016). Por isso esses anos foram selecionados dentre os informados pelo Relatório Técnico 04/2018

<sup>11</sup> Cabe ressaltar que, por não ser do escopo do artigo, não serão apresentados e avaliados os dados da razão entre o número de concluintes e o número de matrículas. Contudo, sugere-se que essa razão mereça ser investigada a

dos gráficos seguintes.

ANO	PÚBLICA		PRIVADA NÃO CONFESSIONAL		PRIVADA CONFESSIONAL		TOTAL	
	FEM.	MASC.	FEM.	MASC.	FEM.	MASC.	FEM.	MASC.
2000	409	473	137	316	110	320	656	1.109
2009	92	87	0	0	17	16	108	104
2016	557	826	165	425	123	493	<b>845</b>	<b>1.744</b>
2016	218	100	101	239	87	77	<b>406</b>	<b>416</b>

TABELA 4: Quantitativo de concluintes por modalidade de ensino (Presencial – fundo branco; EAD – fundo cinza), segundo categoria administrativa e sexo, conforme TABELA 8 do Relatório Técnico 04/2018 (Fonte: a autora)

A Tabela 4 revela ademais que, nos ensinos presencial e EAD, as graduações das universidades públicas são responsáveis pela formação majoritária das mulheres.

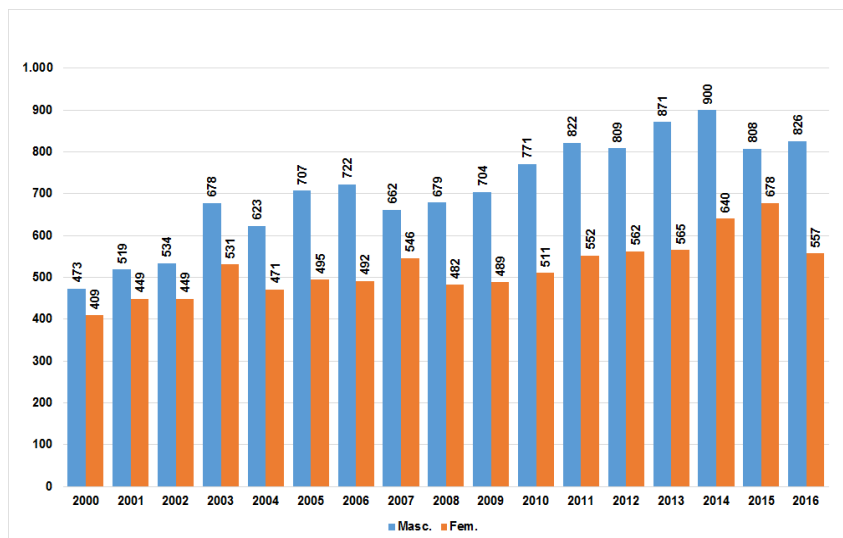


Gráfico 3 – Concluintes em cursos de graduação presencial em Filosofia no Brasil por ano e sexo na rede Pública de ensino (Fonte: Relatório Técnico 04/2018)

fundo e destrinchada por pesquisas nos departamentos, pois ela evidencia alta evasão dos estudantes ao longo dos semestres, notadamente no ensino presencial.

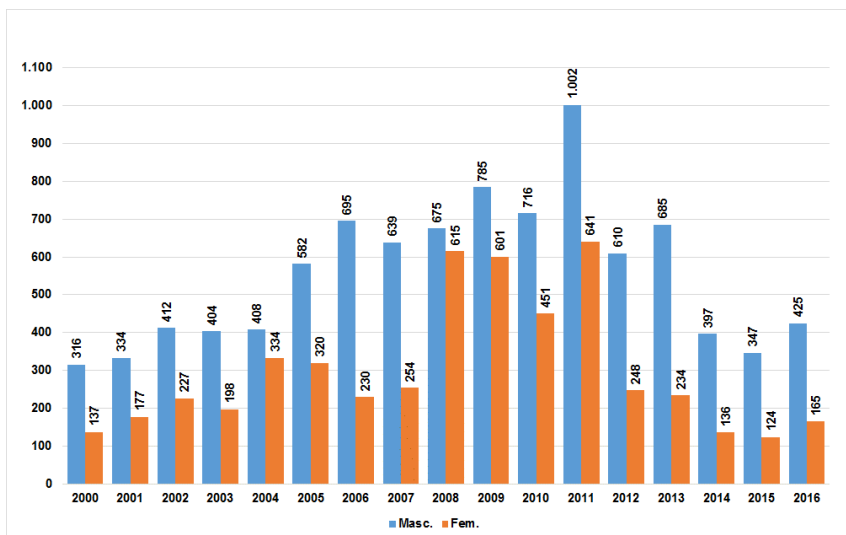


Gráfico 4 – Concluintes em cursos de graduação presencial em Filosofia no Brasil por ano e sexo na rede Privada Não Confessional de ensino (Fonte: Relatório Técnico 04/2018)

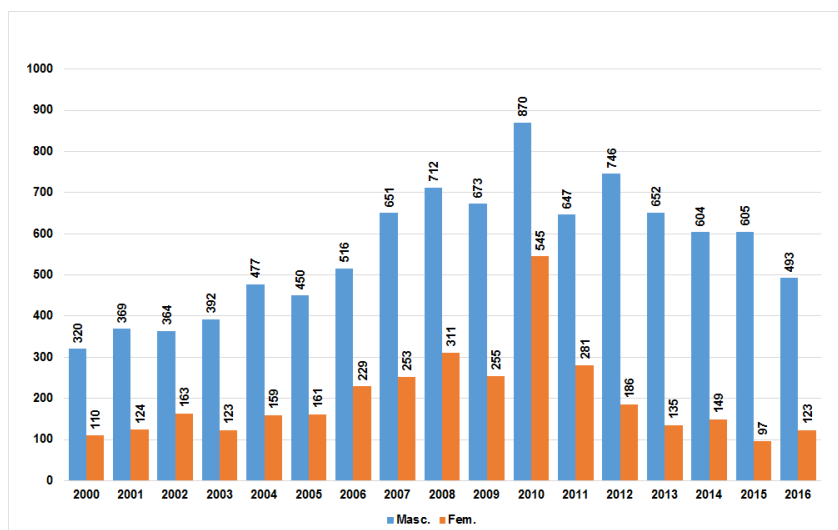


Gráfico 5 – Concluintes em cursos de graduação presencial em Filosofia no Brasil por ano e sexo na rede Privada Confessional de ensino (Fonte: Relatório Técnico 04/2018)

Diante da situação nacional e também do que ocorre nas áreas de Artes e das Ciências Humanas em particular, como explicar que os cursos de graduação em Filosofia são procurados majoritariamente por indivíduos do sexo masculino, em conformidade com os dados apresentados acima? Como justificar que o número de concluintes do sexo masculino, em 2016, tenha sido mais do que o dobro maior do que o quantitativo de concluintes do sexo feminino

no ensino presencial?<sup>12</sup> Essa segunda questão indica a maior evasão entre as mulheres na função discente do que entre os homens na mesma função. Ela aponta, por um lado, para o aprofundamento do conhecimento local das causas desse alto índice, que afeta diretamente a permanência das mulheres na Filosofia, e, por outro, da implantação de medidas que o combatam.

Vou delinear alguns aspectos que podem colaborar para as respostas a essas perguntas, porque não há uma única e, muito menos, uma explicação simples e rápida que dê conta da baixa participação das mulheres na Filosofia.

Uma das principais conquistas das mulheres brasileiras no século XX foi o acesso à educação em todos os níveis, apesar de ser sabido que o racismo estrutural e a imensa desigualdade social são fatores que afetam diferentemente as classes sociais, o gênero e as regiões geográficas no País. Mas no cômputo geral, a universalização da educação como direito garantido pela Constituição Brasileira de 1988 impactou positivamente o acesso das meninas à educação fundamental, a ponto de o contingente feminino ocupar 49,1% das 48,6 milhões de matrículas na Educação Básica, de acordo com o *Censo Escolar de 2017*. Esse fato contribuiu de modo decisivo para que as mulheres representassem 57,2% do total de estudantes matriculados no ensino superior brasileiro, segundo o último levantamento realizado pelo INEP (*Dados do Censo da Educação Superior de 2016*). Essa instituição também informa que 80% da docência na educação básica é composta por professoras, ao contrário da educação superior, em que as mulheres respondem por 45,5% da função docente em geral. Especificamente, Carolina de Araújo, no estudo *Mulheres na pós-graduação em Filosofia no Brasil – 2015*, apontou que entre as docentes permanentes das pós-graduações brasileiras em Filosofia essa situação piora sensivelmente, pois apenas 20,94 do contingente são mulheres.

Independentemente do valor que a *Coleção Os Pensadores* teve para a visibilidade e para divulgação científica da Filosofia entre a população do país, desde a década de 1970, ela firmou um cânone e fortaleceu no imaginário social brasileiro a imagem do filosofar como atividade feita por homens brancos e europeus. Essa coleção resulta de uma cegueira cultural histórica que atravessa o ocidente. A contribuição das mulheres para as histórias do pensamento é geralmente olhada com o ponto cego do olho e por isso comumente tem passado despercebida na cena teórica filosófica. A reflexão política sobre a constituição das sociedades e a compreensão da historicidade da construção dos discursos têm evidenciado que os

---

<sup>12</sup>Esse panorama se agrava no caso da pós-graduação *stricto-sensu*, tal como revelado pela pioneira análise da Carolina Araújo (ANPOF, 2016), e que não é objeto desse artigo.

argumentos relativos à neutralidade do fazer filosófico e sua discursividade em verdade, naturalizaram como universais o olhar androcêntrico lançado sobre os valores éticos, os modos de entender a realidade social, a natureza e o ser humano. Por conseguinte, a cegueira e o silêncio que grassam no meio acadêmico quanto ao conhecimento e ao reconhecimento das filósofas (e de outras mulheres das ciências/saberes) extrapolam os muros da academia e alcançam a sociedade como um todo.

De maneira análoga ao que foi argumentado anteriormente, o cadinho histórico-cultural das tradições filosóficas gerou um déficit no conhecimento e no reconhecimento das mulheres que transitaram por essas tradições. O alijamento do processo educacional formal tirou das mulheres a possibilidade de se instruírem adequadamente, de frequentarem os diferentes fóruns de discussão científica, e dificultou a publicação de suas obras e/ou de terem seus nomes nas obras publicadas. A batalha de Christine de Pizan (1364 - c. 1430) em favor da educação feminina e da dimensão intelectual das mulheres ficou desconhecida durante séculos. Ela que foi filósofa e é considerada a primeira escritora profissional do ocidente afirmou que as diferenças entre o desenvolvimento intelectual dos homens e das mulheres se devem a causas circunstanciais como o condicionamento social, a falta de acesso à educação formal adequada, as desigualdades de oportunidades. Perdem-se no tempo histórias como a da filósofa e matemática Hipátia de Alexandria ou a de Trota de Ruggiero (ou Trotula de Ruggiero, 1050 - 1097), médica formada pela Escola Médica de Salerno, referência nos séculos X e XI, professora dessa instituição e autora de tratados médicos sobre ginecologia e obstetrícia<sup>13</sup> presentes nas universidades medievais.

Os exemplos dessas mulheres instruídas e profissionais mostram que muito se perdeu na história oficial dos saberes e, sobretudo, que as portas da educação formal foram fechadas progressivamente às mulheres e, por conseguinte, cerraram-se as oportunidades<sup>14</sup>. Esse fato é essencial para o estabelecimento e manutenção do contexto da submissão social da mulher do qual faz parte a construção imaginária da ineficiência feminina para assuntos filosóficos, uma vez que *mulher e pensamento abstrato*, *mulher e trabalho intelectual*, *mulher e discurso público* não combinariam entre si e, inclusive, se repeliriam. Nesse horizonte, passou a valer para a mulher, segundo seu estatuto social, ou o trabalho em casa que não demandaria instrução

---

<sup>13</sup> A obra *Sobre as doenças das mulheres*, de Trotula di Ruggiero, foi publicada no Brasil pela UFSC/PGET/DDLE

<sup>14</sup> Até muito recentemente mulheres não podiam frequentar cursos universitários ou serem profissionais em muitas áreas e níveis, e muito menos professoras nas universidades. A filósofa Edith Stein, por exemplo, doutorou-se sob orientação de E. Husserl e tornou-se a professora assistente dele, mas foi recusada como docente em Gottenburg e em Freiburg por ser mulher.



específica, ou o cultivo do intelecto como deleite social em certas camadas instruídas, ou o duro trabalho embrutecedor exercido pelas classes trabalhadoras que não careceria de estudos.

Como tal “deficiência” é produto da circunstância histórica que as alijou do acesso à educação e à profissionalização adequada e não de alguma “incompatibilidade natural” entre o gênero feminino e o filosofar, é plausível considerar que a invisibilidade social da trajetória das mulheres nas tradições filosóficas, a persistente exclusão da educação básica de filósofas como referencial para se pensar a realidade e a parca menção às reflexões elaboradas por mulheres nas obras didáticas contribuam vigorosamente para que as *meninas em idade escolar* não vislumbrem os caminhos da Filosofia como *seus possíveis trajetos* quando da escolha profissional ou para lidarem com a radical experiência do viver. Como escolher o que se desconhece?

Esse cenário se sobrepõe ao da estruturação majoritária das graduações em Filosofia, que refletem os parâmetros sociais gerais. Nesse sentido, os cursos oferecem a formação marcada por alguns aspectos e que vão determinar a formação das mulheres na função discente que conseguiram escolher a filosofia. Em primeiro lugar, o baixíssimo nível de conhecimento<sup>15</sup> de argumentos e de obras desenvolvidas por filósofas. Via de regra, na graduação e na pós-graduação, a estudante de filosofia é formada para atuar como filósofa dentro do quadro em que vigora o ocultamento das referências filosóficas femininas. Como foi afirmado, o discurso filosófico não é neutro e naturalizou a visada androcêntrica e o cânone da tradição elaborado somente com referências a filósofos. E no geral, o processo formativo permanece sem a abertura para problematizar a invisibilidade das filósofas e o ocultamento delas ao longo da história, e sem a utilização das referências que existem. Essa situação conduz à próxima característica, o baixíssimo emprego das reflexões construídas por filósofas, quando se pretende discutir alguma questão, tema ou acontecimento. É comum se deparar com a ideia de que filósofa somente pensa “coisas de gênero” ou o que é “coisa de mulher”, e os demais problemas, bem, eles ficam sob a alçada dos homens. Relembro a fala de Carla Rodrigues, (2016)

Assim, ignora-se que é possível fazer a crítica à violência de Estado lendo a filósofa norte-americana Judith Butler; discutir a sobreposição entre colonialismo e gênero debatendo com a indiana Gaiatri Spivak; rever os pressupostos da dialética do senhor e do escravo a partir das críticas de Simone de Beauvoir; pensar os modos de governo totalitários com Hannah Arendt; avaliar as formas democráticas como Chantal Mouffe e sua proposição de democracia agonística; ou voltar à Inglaterra do século XVIII e, com Mary Woolstonecraft, discutir a tensão aparentemente insolúvel – e

---

<sup>15</sup> A grande exceção sempre dada como exemplo é Hannah Arendt, amplamente pesquisada, conhecida e citada.

performativamente presente na discussão sobre Filosofia no Brasil – entre incluir as mulheres na categoria universal, subsumir suas especificidades e com isso mantê-las invisíveis; ou reconhecer as mulheres por suas singularidades e diferenças, o que lhes marca como secundárias em relação aos homens.

Um terceiro fator é a (quase) total falta de referências às obras de filósofas nas ementas/programas das disciplinas dos cursos de graduação e de pós-graduação, nas pesquisas desenvolvidas, nas bibliografias dos trabalhos acadêmicos, desde o TCC até as teses de doutoramento e artigos científicos. Ele decorre do desconhecimento vigente acerca das reflexões produzidas por filósofas. Um quarto elemento é a ocultação semântica do feminino nos argumentos sobre o ser humano em geral: de modo recorrente e descuidado fala-se nas salas de aula do “Homem” para considerar o ser humano em geral sem a percepção de que esse modo de abordagem contribui para manter o horizonte androcêntrico e a invisibilidade feminina no discurso filosófico.

Esses caracteres vão incidir fortemente na educação básica ao atingirem a formação de professores e professoras, que geralmente não contempla: (i) o estudo e a discussão da produção filosófica elaborada por mulheres; (ii) o que um determinado filósofo afirmou e/ou escreveu sobre a mulher ou sobre o feminino, fato que não permite sequer a crítica ao afirmado; (iii) a crítica à ocultação semântica do feminino no discurso filosófico que ainda persiste.

Por último, a presença minoritária de mulheres na função docente nos departamentos e cursos de Filosofia (graduação e pós-graduação) das universidades, centros universitários e faculdades brasileiras. Esse aspecto se enquadra no ambiente descrito pelo estudo de Carolina de Araújo sobre a pós-graduação: na carreira universitária na área de Filosofia, as filósofas são minoria em relação aos filósofos que atuam na graduação e a situação se agudiza quando se trata da pós-graduação.

Acredito que esses aspectos tangenciam respostas plausíveis a serem usadas para explicar porque os cursos de Filosofia ainda não são procurados majoritariamente por mulheres, na contramão de parte considerável das carreiras contempladas pelos cursos superiores.

Em relação à maior evasão das mulheres na função discente, as considerações elaboradas por filósofas brasileiras nesses últimos anos, a partir das próprias vivências e observações, indicam alguns vetores constatados empiricamente, que salientam a urgência de pesquisas locais que investiguem os motivos ao ouvirem o que as mulheres têm a dizer. Maria Isabel Limongi (2016) tratou do porquê de as mulheres não permanecerem nas graduações e na carreira e afirmou

Afinal, o que é Filosofia senão uma arena de disputa entre diversas perspectivas discursivas? Mas é aqui, me parece, que as mulheres se encontram em desvantagem, já que, ao contrário dos homens, nunca foram encorajadas a autorizar seus próprios discursos. Nesse jogo, elas costumam se intimidar e, *quando não, o fazem às duras penas.* (grifo meu)

Essa perspectiva vai ao encontro da fala de Carolina de Araújo extraída da entrevista *Papo Feminista* (ANPOF, 2017): “Há dificuldades em compatibilizar o desenvolvimento da capacidade argumentativa e uma educação sexista, que tacitamente ensina às mulheres o (falso) valor de ceder em sua posição e de atenuar seus discursos. [...]”

Como afirmado anteriormente, o contexto histórico do último milênio, pelo menos, desconsiderou a educação formal das mulheres e a elas foi ensinado, ademais, que deviam ouvir e não discutir e/ou ceder a vez na discussão. Esse tipo de educação sexista persiste ainda hoje mais ou menos forte segundo regiões, classes sociais, famílias e começa, em geral, na formação das meninas em casa. Tal cenário do machismo estrutural da sociedade cria desvantagens para que as mulheres ocupem plenamente a cena filosófica que demanda, prioritariamente, argumentação construída, embates e coragem de se expor publicamente. Daí a importância que Limongi concede ao incentivo: incentivar as estudantes a falarem sem medo, a desenvolverem a capacidade argumentativa e elaborarem, apresentarem seus argumentos e a bancarem seus discursos. Essa orientação vale para a educação básica e também para a graduação.

Essas habilidades contam favoravelmente quando se é minoria ou mesmo a única mulher presente numa sala de aula, pois a trajetória das mulheres nas graduações (e também nas pós-graduações) via de regra é marcada pela ausência de interlocutoras, pela pressão para mostrar que é capaz de lidar com o conhecimento filosófico e com os diferentes tipos de assédios. Como explica Silvana Ramos (2019),

[...] Essa situação nos torna vulneráveis a piadas e insinuações de todo tipo. Trata-se de algo que faz parte de nosso dia a dia na academia, sofremos constantemente pequenas violências que acabam por ser naturalizadas, algo com que os homens não precisam lidar com tanta frequência.

Portanto, a educação formadora sexista e o ambiente da sala de aula não menos sexista devem ser acrescidos aos aspectos anteriormente elencados, e todos eles juntos são alguns dos pesados motivos que muito provavelmente estão na origem da não permanência das mulheres na área da Filosofia, especialmente no ambiente acadêmico. Porém, sugere-se que a resposta mais aproximada das realidades vivenciadas localmente deve ser buscada mediante

investigação a ser realizada no nível das coordenações de cursos ou do Núcleo Docente Estruturante ou de pesquisa institucional, a partir do levantamento dos motivos que levaram as estudantes ao abandono da graduação. Como visto anteriormente, em 2016, no ensino presencial as matrículas de ingressantes mulheres corresponderam a cerca de 51% da matrícula de ingressantes homens; em relação aos concluintes o quadro piora, pois concluíram as graduações duas vezes mais homens do que mulheres. Os números não respondem às inquietações, mas servem como orientadores das perguntas que visam entender a situação para enfrentar os problemas.

Silvana Ramos (2019) na entrevista concedida à Nádia Ribeiro, *Precisamos falar sobre assédio, sim*, acentua a relevância do cuidado, no âmbito da graduação, com a recepção dos calouros e das calouras que deve continuar no incentivo das estudantes à entrada nos grupos de pesquisa. Ela destaca que

A experiência da desigualdade de gênero mudou muito em nossa sociedade e isso se reflete na forma pela qual as mulheres encaram a vida acadêmica. Nossas alunas de hoje buscam se espelhar em suas professoras, querem conhecer suas trajetórias. É comum vê-las frequentar as disciplinas ministradas por mulheres, ou os grupos de estudos liderados por professoras. Elas afirmam se sentir mais à vontade nesses ambientes, onde há diversidade de gênero, e querem conhecer a história das mulheres na Filosofia, desejam reverter o processo de silenciamento a que as escritoras e pensadoras do passado foram submetidas.

Essa percepção que ela tem da USP, que é seu local de atuação, é corroborada pelo interesse crescente que vejo nas universidades pelo conhecimento da trajetória de filósofas e por obras produzidas por elas; pelo crescimento dos encontros do GT Filosofia e Gênero da ANPOF; pelo incremento de pesquisas nos temas e questões abrangido pelo escopo desse GT; pelo crescimento do interesse por filósofas e suas produções e pela história da presença feminina na Filosofia entre os/as docentes da educação básica; pela crescente preocupação teórica e prática com os assédios moral e sexual no interior da comunidade acadêmica filosófica; pela criação de redes que congregam filósofas e coletivos de investigação de temas que perpassam a relação *Filosofia e gênero*. Certamente essa intensificação do interesse e da curiosidade gera demandas para os cursos de graduação (e também de pós-graduação) e suas coordenações, e para os departamentos de Filosofia que já são instados a respondê-las.

## Considerações finais

O objetivo foi apresentar e discutir, nos limites desse artigo, a evolução dos cursos de Bacharelado e de Licenciatura em Filosofia, no período entre 2000-2016, a partir dos dados quantitativos selecionados do Relatório Técnico 04/2018. O enfoque privilegiou a presença feminina enquanto função discente na formação propiciada por essas graduações e visou qualificar, na medida do possível, essas informações sob o olhar da relação *Filosofia e gênero*. Esse trabalho intencionou também contribuir para o exame da formação e permanência das mulheres na Filosofia realizada no Brasil.

Inicialmente, o Relatório Técnico 04/2018 foi delineado em linhas gerais, a fim de que o procedimento de seleção, a coleta de dados e a categorização fossem explicadas. Os dados reunidos e submetidos às categorias construídas permitiram, por um lado, a compreensão da evolução da oferta das graduações, no período avaliado, nas modalidades presencial e à distância, por rede de ensino e organização acadêmica, por categoria administrativa, por número de matrículas e de egressos, por sexo; a conjugação das informações deu visibilidade à evolução da presença dos sexos nos cursos de Filosofia. O relatório informou também sobre o perfil sócio-econômico dos egressos, a partir dos dados do questionário sócio-econômico do ENADE. Ademais, ele forneceu informações sobre a atuação profissional dos graduados e graduadas, mestres e doutores em Filosofia na ocupação principal, por faixa etária, segundo o nível de escolaridade, e também sobre o rendimento médio de graduados e pós-graduados por grupos de ocupação e sexo, conforme o Censo de 2010. Nesse sentido, ele é um instrumento qualificado para contribuir para o conhecimento da área de ensino superior de Filosofia e para as políticas que os departamentos de Filosofia possam desenvolver relativas (i) às matrículas, ao quantitativo de concluintes e evasão nos cursos e (ii) especificamente, à discrepância que há entre a relação matrícula e integralização do curso por mulheres na função discente.

Foram apresentados dados selecionados desse Relatório Técnico 04/2018 que permitiram acompanhar a evolução da oferta dos cursos de Filosofia, entre 2000-2016 por redes de ensino (pública e privada), por modalidades de ensino (presencial e EAD), por sexo, por estratificação de curso (Bacharelado e Licenciatura) e quantitativo de matrículas e de concluintes. Foi observado que em 2016, por exemplo, em ambas as modalidades de ensino, o número de matrícula das mulheres na função discente foi cerca de metade das matrículas de homens na mesma função; e que o quantitativo de concluintes de homens na função discente foi cerca de duas vezes maior do que a das concluintes mulheres na mesma função. Essas

informações corroboram com o perceptível quadro geral das graduações em Filosofia no Brasil caracterizados pela procura majoritária de homens e pela maior evasão de mulheres. Esse fato marca o início da expulsão, ainda na graduação, das mulheres da carreira profissional na área da Filosofia. Ele suplementa, ademais, o panorama apresentado por Carolina Araújo quanto à pós-graduação e a carreira docente na educação universitária: o cenário da presença feminina piora sensivelmente à medida que se alcança a pós-graduação, dessa segue para a composição dos departamentos de Filosofia do ensino superior e desses para o elenco de professores da pós-graduação.

A partir dessas constatações foi delineada uma análise que teve como pontos de partidas duas perguntas: a) na contramão do que ocorre nas áreas de Artes e das Ciências Humanas, como explicar que os cursos de graduação em Filosofia são procurados majoritariamente por indivíduos do sexo masculino? Como justificar que o número de concluintes do sexo masculino, em 2016, tenha sido mais do que o dobro maior do que o quantitativo de concluintes do sexo feminino no ensino presencial?

A reflexão desenvolvida discutiu a invisibilidade histórica e cultural da mulher na filosofia fruto, por um lado, da concepção androcêntrica hegemônica quanto à neutralidade do fazer filosófico e sua discursividade, a qual conduz à ocultação semântica da mulher nas considerações acerca do ser humano em geral e sua elisão do discurso filosófico como um todo. Por outro, do alijamento histórico das mulheres do processo educacional que as impediu de se instruírem adequadamente e de frequentarem, via de regra, ambientes de debates científicos até o final do século XIX pelo menos. Esse horizonte meramente circunstancial está no nascedouro do déficit no conhecimento e reconhecimento das mulheres que transitaram e transitam pelas tradições filosóficas, e também de algumas consequências presentes na estruturação das graduações em Filosofia e do ensino de Filosofia na educação básica.

Por fim, no contexto da ocultação semântica das mulheres, presente no discurso filosófico, da invisibilidade que ainda afeta o conhecimento e o reconhecimento da atuação de filósofas no campo profissional da Filosofia brasileira, das dificuldades que atravessam a formação universitária das estudantes da área, dos obstáculos vividos e compartilhados pelas filósofas que estão na carreira docente (na educação básica e no ensino superior), da baixa representatividade feminina nos programas de pós-graduação, nas agências de fomento à pesquisa e nos comitês de avaliação da área, enfim, nessa situação o exemplo e a experiência de gerações anteriores de filósofas brasileiras muito têm contribuído. Esse fato tornou-se evidente na sessão de homenagem às filósofas do departamento de Filosofia da USP, no último

encontro do GT Filosofia e Gênero. Várias delas se lembraram com carinho da relevância da presença de Gilda de Mello e Souza, primeira mulher a enfrentar sozinha, como docente, as agruras do ambiente universitário filosófico brasileiro. Ela se tornou exemplo para as filósofas da geração de Marilena Chauí e de Maria das Graças de Souza, dentre outras. Para minha geração foram essenciais os exemplos, o conhecimento e o reconhecimento de filósofas como Marilena Chauí, Scarlett Marton, Jeanne Marie Gagnebin, Olgária Matos, e no Rio de Janeiro, Elena de Moraes Garcia, Creusa Capalbo, Maria das Graças Augusto, Maria da Graça F. Ferreira Schalcher, Maria Seabra, Miriam T. de Carvalho, Kátia Muricy. Na universidade tem sido recorrente escutar alunas da graduação, recém-saídas da educação básica, falarem sobre suas escolhas: porque se sentiram seduzidas pela admiração que o filosofar exerce indistintamente, e/ou porque são encantadas pelos exemplos das professoras-filósofas de suas escolas. Igualmente é perceptível o interesse pela “filosofia das filósofas”, como uma estudante me confessou, por conhecer as obras e as trajetória delas e para contribuir para o fim do silenciamento que ronda a presença feminina na Filosofia.

Avançamos e continuamos a avançar no desvelamento e compreensão da história das mulheres filósofas e da construção da memória dessa presença tornada invisível por circunstâncias históricas. Avançamos e continuamos a avançar no levantamento dos problemas que afligem a presença e a permanência das mulheres na filosofia profissional brasileira ao publicar relatórios e análises sobre o processo de formação e sobre aspectos do mundo do trabalho compartilhados por filósofas em suas carreiras. Esse levantamento tem conduzido a ações para enfrentamento dos problemas: um exemplo é o documento sobre o assédio moral e o assédio sexual das mulheres, encaminhado à comunidade de pesquisadores e pesquisadoras da área<sup>16</sup>, que visou chamar atenção para esse problema. Entretanto, creio ser necessário avançar mais nas investigações que qualifiquem os diferentes dados quantitativos apresentados pelo Relatório Técnico 4/2018. Por fim, avançamos e continuamos a avançar na criação de fóruns, de coletivos e de redes de filósofas, de publicações sobre temas e questões que envolvem a relação Filosofia e Gênero. Afinal, a filosofia é um substantivo feminino.

## Referências

ALCOFF, Linda M. What’s wrong with philosophy?. *The New York Times*, New York, 03 set.

---

<sup>16</sup> O documento está disponível no endereço

[http://www.anpof.org/portal/images/Manifesta%C3%A7%C3%A3o\\_de\\_Apoio\\_e\\_Diretrizes\\_vers%C3%A3o\\_final\\_2.pdf](http://www.anpof.org/portal/images/Manifesta%C3%A7%C3%A3o_de_Apoio_e_Diretrizes_vers%C3%A3o_final_2.pdf)

2013. Disponível em: <http://opinionator.blogs.nytimes.com> Acesso em: 23 abr 2017  
ANPOF. Papo Feminista Carolina de Araújo. Disponível em:  
<https://anpof.org/portal/index.php/pt-BR/2014-01-07-15-22-21/entrevistas/1100-bate-papo-feminista-carolina-de-araujo-ufri> Acesso em: 09 mar. 2017

ARAÚJO, Carolina de. *Mulheres na Pós-Graduação em Filosofia no Brasil -2015*.  
Disponível em:  
[http://anpof.org/portal/images/Documentos/ARAUJOCarolina\\_Artigo\\_2016.pdf](http://anpof.org/portal/images/Documentos/ARAUJOCarolina_Artigo_2016.pdf)>. Acesso em: 10 jan. 2017

BELTRÃO, Kaizô W., MANDARINO Mônica. Evidências do ENADE – mudanças no perfil do matemático graduado. *Ensaio: aval. pol. públ. Educ.*, Rio de Janeiro, v.22, n. 84, p. 733-754, jul./set. 2014

BELTRÃO, Kaizô W., WILKE, Valéria. PEDROSA, Mônica G. *Evidências do ENADE e de outras fontes – mudanças no perfil do filósofo graduado*: Relatório Técnico nº 04/2018. Rio de Janeiro: Fundação Cesgranrio, 2018

CASTRO, Susana, RODRIGUES, Carla. *As mulheres ou “os silêncios” da história na Filosofia*. Coluna da ANPOF. Disponível em:  
<http://anpof.org/portal/index.php/en/comunidade/coluna-anpof/1099-as-mulheres-ou-os-silencios-da-historia-da-Filosofia>>. Acesso em 08 mar 2017

DOMINGUES, Ivan. *Filosofia no Brasil: Legados & perspectivas ensaios metafilosóficos*. São Paulo: UNESP, 2017

\_\_\_\_\_. *Filosofia no Brasil: os últimos cinquenta anos – desafios e legados*. *Analytica*, Rio de Janeiro, v. 17, n. 2, 2013.

FERREIRA, Maria Luísa Ribeiro. *As Mulheres na Filosofia*. Lisboa: Colibri, 2009.

LIMONGI, Maria Isabel. *A Filosofia e a desigualdade de gênero*. Coluna da ANPOF. Disponível em: <https://anpof.org/portal/index.php/en/comunidade/coluna-anpof/981-a-Filosofia-e-a-desigualdade-de-genero> Acesso em: 09 nov. 2016

MARGUTTI, Paulo. Sobre a nossa tradição exegética e a necessidade de uma reavaliação do ensino de Filosofia no país. *Kriterion*, Belo Horizonte, n. 129, p. 397-410, jun/Ago, 2014

MARQUES, Fabrício. Corredor estreito. *Revista FAPESP*, São Paulo, n. 252, p. 32-35, fev. 2017. Disponível em: [https://revistapesquisa.fapesp.br/wp-content/uploads/2017/02/032-035\\_MulheresnaFilosofia\\_252.pdf](https://revistapesquisa.fapesp.br/wp-content/uploads/2017/02/032-035_MulheresnaFilosofia_252.pdf)> Acesso em: 04 abr. 2017

PACHECO, Juliana (org.). *Mulher & Filosofia: as relações de gênero no pensamento filosófico*. Porto Alegre; Editora Fi, 2015

PUGLIESE, Nastassja. *Filosofia, substantivo feminino*. Coluna da ANPOF. Disponível em: <https://anpof.org/portal/index.php/es-ES/comunidade/coluna-anpof/2500-Filosofia-substantivo-feminino>>. Acesso em 09 mar 2020



INEP. *Censo Escolar 2017*: notas estatísticas. Disponível em: [http://download.inep.gov.br/educacao\\_basica/censo\\_escolar/notas\\_estatisticas/2018/notas\\_estatisticas\\_Censo\\_Escolar\\_2017.pdf](http://download.inep.gov.br/educacao_basica/censo_escolar/notas_estatisticas/2018/notas_estatisticas_Censo_Escolar_2017.pdf) Acesso em: 28 jan. 2018

\_\_\_\_\_. *Resumo Técnico*: Censo da Educação Básica 2018. Disponível em: [http://download.inep.gov.br/educacao\\_basica/censo\\_escolar/resumos\\_tecnicos/resumo\\_tecnico\\_censo\\_educacao\\_basica\\_2018.pdf](http://download.inep.gov.br/educacao_basica/censo_escolar/resumos_tecnicos/resumo_tecnico_censo_educacao_basica_2018.pdf) Acesso em 03 de fev. 2019

RAMOS, Silvana de S. *Precisamos falar sobre assédio, sim*: entrevista concedida à Nádia Ribeiro. Rede Brasileira de Mulheres Filósofas. 09 dez. 2019. Disponível em: <https://www.filosofas.org/forum/assedio-1/precisamos-falar-sobre-assedio-sim> Acesso em 12 dez 2019

RODRIGUES, Carla. *A Filosofia (brasileira) não é feita só por homens*. Coluna da ANPOF. 22 dez. 2016. Disponível em: <https://anpof.org/portal/index.php/es-ES/comunidade/coluna-anpof/1033-a-Filosofia-brasileira-nao-e-feita-so-por-homens>. Acesso em 23 dez 2016

\_\_\_\_\_. *Mulheres que pensam e fazem pensar*. Coluna da ANPOF. 24 jun. 2019. Disponível em: <https://anpof.org/portal/index.php/pt-BR/comunidade/coluna-anpof/2183-mulheres-que-pensam-e-fazem-pensar>>. Acesso em: 25 jun 2019

ROSA, Graziela R. da. *As relações de gênero na Filosofia: vivências e narrativas de professoras de Filosofia*. São Leopoldo, 2006. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, 2006

TIBURI, Marcia. “As mulheres e a filosofia como ciência do esquecimento”. In. *Com Ciência*, Campinas, dez. 2003. Disponível em: <http://www.comciencia.br/reportagens/mulheres/15.shtml> Acesso em: 22 mai 2004